

Tempo e Duração em Bergson

Ronaldo da Costa Formiga (*)

Introdução

A questão inicial de Bergson em sua obra “*La Pensée et le Mouvant*”¹ é estabelecer uma crítica à ciência positivista e à filosofia de Spencer por considerar que ambas não conseguiram pensar ou incluir o que ele denomina de “tempo real” em suas considerações. Bergson está interessado neste livro e, também, em “*Evolution Créatrice*”², em apontar para os limites da ciência, da metafísica que lhe antecede e, simultaneamente, para os limites da inteligência humana. Esta última lidaria, fundamentalmente, com aquilo que, no último livro citado, ele chama de “lógica dos objetos inertes”, “a lógica dos sólidos”, ou seja, a inteligência (o entendimento) humana seria, essencialmente, incapaz de absorver, em seus conceitos, a fluidez inerente ao “rio da vida”. Basicamente, Bergson, em “*La Pensée et le Mouvant*” (como, aliás, o próprio título indica) está lidando com as seguintes polaridades: tempo real ou concreto/tempo abstrato; duração interior/não-duração; mudança/permanência ou instantaneidade (o conceito de instante, em Bergson).

Antes de mais nada, creio ser necessário deixar claro que a perspectiva sobre o tempo adotada por Bergson (e que veremos neste trabalho) é aquela voltada para o futuro (tal como em Heidegger), isto é, o que Bergson nos traz é a noção de um tempo irreversível, o tempo voltado para a consciência (o tempo com intencionalidade, talvez). A ideia de uma “duração pura” ou “duração transcendente” (o “absoluto” em Bergson) perpassa o seu pensamento e se opõe à ideia de uma duração mensurável, objetivável, que, na verdade, para ele, seria uma “não-duração”.

Tempo real ou concreto e tempo abstrato

Vejam, então, para iniciarmos este artigo, o que compreende a noção de tempo real ou concreto, segundo nosso autor. Bergson o define como “transição contínua” (um tempo criador),

(*) Doutor em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e professor do curso de Pedagogia do Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro (Iserj/Faetec).

¹ Bergson, H. *La Pensée et le Mouvant-Essais et Conférences*. Paris: Librairie Félix Alcan, 1934.

² Bergson, H. *L'Évolution Créatrice*. Genève: éditions Albert Skira, 1907.

isto é, sua essência é passar, o que significa dizer que o tempo é mobilidade. Quando Bergson afirma que “nenhuma das partes está lá ainda quando uma outra se apresenta”³, ele está dizendo que não é possível se supor uma superposição de “partes do tempo”. Esta suposição seria inconcebível, segundo Bergson. Para que se possa contrapor a noção de tempo real aos procedimentos científicos e característicos do intelecto humano que visam “medir o tempo”, Bergson afirma que medir supõe o contrário da mobilidade inerente ao tempo, isto é, a não-duração. Afirma o autor:

Em toda medida existe um elemento de convenção e é raro que duas grandezas, ditas iguais, sejam diretamente superpostas entre elas. No caso do tempo, a ideia de uma superposição implicaria um absurdo, pois todo efeito de duração que será capaz de superposição sobre ele mesmo e, por consequência, mensurável, terá por essência a não-duração.⁴

Bergson está, então, preocupado em apontar o quanto a ciência é incapaz de captar o chamado “élan vital”, ou seja, a duração propriamente dita. Mais adiante, na mesma obra, ele vai afirmar que só a intuição (a intuição vivente) teria acesso à fluência inerente à vida; só a intuição seria capaz de romper os “artificiais blocos do gelo mecânico” e atingir a fluidez que corre sob esta “realidade mecânica”. Veremos, então, o quanto, para Bergson, a missão da intuição é opor-se ao trabalho do intelecto ou do pensamento.

“Intelectual é o pensamento; mas o aspecto profundo e real é o movimento, a continuidade do fluir, do mudar, ao qual só por intuição podemos chegar”⁵.

Voltando à questão da duração mensurável por oposição à duração interior ou duração pura, Bergson coloca que a duração que se mede (ou que se supõe medir) é realizada pela trajetória de um objeto móvel e que o tempo matemático é uma linha. A trajetória pode ser de um objeto móvel, mas a linha que se mede é imóvel, portanto, a linha medida é um fato. Por oposição ao tempo matemático ou à linha que se mede (tempo abstrato), teríamos o tempo real ou concreto, que é o que faz que tudo se faça. Para “medir” o tempo, temos necessariamente que estar fora da duração enquanto duração, isto é, só podemos contar um certo número de extremidades de intervalos ou de momentos (“paradas virtuais do tempo”).

Afirma Bergson:

³ Bergson, H. *La Pensée et le Mouvant. Essais et Conférences*. Paris: Librairie Félix Alcan, 1934, pág.8.

⁴Bergson, H. *ibid*, pág. 8, 9.

⁵Bergson, H., *ibid*, p. 9.

Colocar que um evento se produzirá ao final de um tempo x é simplesmente expressar que se terá contato daqui até lá, um número x ou y de simultaneidades de um certo gênero. Entre as simultaneidades passará tudo que se quiser. O tempo poderia se acelerar enormemente e mesmo infinitamente; nada será mudado para o matemático, para o físico ou o astrônomo.⁶

A conclusão a que chega Bergson, portanto, é que a ciência (e à proposta científica, ele opõe a sua metafísica) lida necessariamente com o permanente, o não-transitório. É preciso unira a teoria do conhecimento à teoria da vida, afirma Bergson. A ciência retira e retém do mundo material o que é suscetível de se repetir e de se calcular, por consequência, o que não dura. A ciência, afirma nosso autor, só faz apontar na direção do senso comum, o qual é um começo de ciência. O que Bergson está pretendendo é opor ciência e metafísica e nos levar à ideia de uma metafísica intuitiva.

A duração que a ciência elimina e que é difícil de conceber e expressar é a duração interior, aquela que nós sentimos e vivemos. Bergson está preocupado com a vida e a fluidez, só acessível pela intuição. Da mesma forma que a ciência elimina a duração, quando falamos do tempo, estamos pensando na medida da duração e não na duração propriamente dita, o que leva Bergson a refletir sobre os “vícios” e os “limites” da linguagem. O autor crê que, tanto a ciência quanto a metafísica que lhe antecedeu, se distanciaram da duração real (ou do tempo real) e ele acredita que a linguagem teria desempenhado aqui um importante papel, na medida em que os termos que designam o tempo são emprestados à linguagem do espaço (“o tempo intelectualizado é espaço”). Dessa forma, a duração se expressa sempre em extensão. Quando invocamos o tempo, é o espaço que responde ao apelo. Segundo Bergson, a metafísica teve que se conformar aos hábitos da linguagem, os quais se regulam eles mesmos aos hábitos do senso comum.

Neste momento, Bergson se coloca a seguinte pergunta: se a inteligência, espontânea (senso comum) ou reflexiva (ciência) afasta o tempo real, não será porque o destino do nosso raciocínio é assim proceder? Na medida em que o intelecto se sustenta sobre o “inerte” e Bergson, estudando a estrutura da inteligência humana, conclui que uma das funções do intelecto é justamente mascarar a duração, seja no movimento ou na mudança. Ao contrário, “pensar intuitivamente” é pensar em duração.

Antes de pensarmos o que a inteligência humana faz, segundo Bergson, com o movimento, voltemos à relação ciência/duração interior ou duração propriamente dita. Para tratar desta relação,

⁶ Bergson, H. *L'évolution créatrice*. Paris: Éditions Albert Skira, Genève, 1935, P. 15.

o autor se coloca uma segunda questão. Como a duração apareceria a uma consciência que só gostaria de vê-la sem medida, que se apropriaria dela sem para-la, que tomaria ela mesma (a consciência) por objeto e que, espectadora e atriz, espontânea e reflexiva, aproximaria até o ponto de lhes fazer coincidir a atenção que se fixa e que foge?

Para responder esta questão, é preciso, segundo Bergson, entrar no domínio da vida interior. A duração é, por ele, definida, como uma continuidade que não é nem unidade, nem multiplicidade, e que não entra (e nem se encaixa) em nenhum de nossos quadris conceituais.

Voltando à questão acima, Bergson, afirma ter sido inevitável o desinteresse da ciência positivista pela duração interior. E porque? Porque a ciência positivista trabalha com previsões. A função da ciência seria precisamente nos compor um mundo onde pudéssemos, para a comodidade da ação, escamotear os efeitos do tempo. É preciso, diz Bergson, retomar o problema da evolução, levando-se em conta o tempo real. Não apenas a ciência positivista, mas, também, ao longo de toda a história da filosofia, o que teria ocorrido é que tempo e espaço foram colocados no mesmo patamar e tratados como coisas do mesmo gênero.

Segundo Bergson, o que ocorreu na Filosofia poderia ser, assim, resumido: estuda-se o espaço, determina-se a natureza e a função do espaço, depois transporta-se para o tempo as conclusões obtidas. Assim, teoria do espaço e teoria do tempo foram equiparadas. Para passar de uma a outra, foi suficiente mudar uma palavra: substituir justaposição por sucessão.

Voltemos, então, à questão referente ao que a inteligência humana faz com o movimento.

Pensamos poder afirmar, seguindo nosso autor aqui examinado, que a inteligência “desvitaliza” o movimento, isto é, ela o torna uma simples série de posições. O que o intelecto faz é constatar a existência de um ponto alcançado, depois um outro e assim sucessivamente. A inteligência distancia seu olhar da transição. Se objetarmos à inteligência que, entre esses pontos, se passa alguma coisa, logo ela intercala posições novas e assim indefinidamente. Nossa inteligência procura, assim, a fixidez. Ela se pergunta onde o objeto móvel está, onde ele estará, onde o móvel passa.

Nossa inteligência está destinada, principalmente, a preparar e clarear nossa ação sobre as coisas. Nossa ação se exerce comodamente sobre pontos fixos. Se a inteligência nota o momento da passagem, se ela parece se interessar, então, à duração, ela se limita a constatar a simultaneidade de duas paradas virtuais: parada do móvel que ela considera e parada de um outro móvel cujo curso é compreendido como sendo o do tempo; mas é sempre à imobilidades reais ou virtuais que a nossa

inteligência, segundo Bergson, procura, por toda a parte, a fixidez. Nossa inteligência supõe que o movimento foi aplicado a um espaço e que o móvel é (no sentido do espaço) em cada um dos pontos da linha que ele percorre.

A inteligência vê o movimento, assim como uma série de posições: a duração se decompõe, então, em “momentos” correspondentes” a cada uma das posições; mas os momentos do tempo e as posições do móvel são instantâneos pegos pelo nosso entendimento sobre a continuidade do movimento e da duração. Com estas visões justapostas tem-se um sucedâneo prático do tempo e do movimento que se curva às exigências da linguagem, esperando que ela se preste às exigências do cálculo, mas só se obtém uma recomposição artificial. O tempo e o movimento são outra coisa, afirma nosso autor. O mesmo ocorreria com a mudança. A inteligência a decompõe em estados sucessivos e distintos, considerados invariáveis. Como exemplo, temos um estado. Logo se percebe que ele varia e perguntamos: como ele poderia durar se ele não muda? O que faz a inteligência? Ela o substitui por uma série de estados mais curtos, que poderão ainda se decompor indefinidamente. Nosso autor se questiona: Como não ver que a essência da duração é transcorrer e que o estável colado ao estável não fará jamais algo que dura?

Concluimos, portanto, que o que é real, não são os “estados” simples instantâneos pegos por nós, mais uma vez, ao longo da mudança; ao contrário, o fluxo, a continuidade da transição, a mudança propriamente dita é que é real. Esta mudança é indivisível; ela mesma é substancial. Se a nossa inteligência se obstina em julgar o movimento como inconsistente, é porque ela substituiu a mudança por uma série de estados justapostos. No entanto, esta multiplicidade é artificial e é, também artificial a unidade que aí se restabeleceu. Só há aqui, afirma Bergson, um impulso ininterrupto de mudança, isto é, uma mudança sempre aderente a ela mesma em uma duração que prolonga sem fim.

Duração e Intuição

Bergson faz uso da intuição vivente como método filosófico. Filósofos como Schelling e Schopenhauer opuseram intuição e intelecto, mas o método bergsoniano apresenta especificidades. Tanto Schelling como Schopenhauer viam na intuição uma pesquisa imediata do eterno, enquanto Bergson busca reencontrar primeiramente a duração verdadeira. Bergson afirma:

Vários são os filósofos que sentiram a incapacidade do pensamento conceptual em atingir o fundo do espírito. Vários, por consequência, os que falaram de uma faculdade supra-intelectual da intuição. Mas como eles acreditavam que a

inteligência operava no tempo, eles concluíram que ultrapassar a inteligência consistia em sair do tempo. Eles não viram que o tempo intelectualizado é espaço, que a inteligência trabalha sobre o fantasma da duração propriamente dita, que a eliminação do tempo é o ato habitual, normal, banal da nossa inteligência, que a relatividade do nosso conhecimento do espírito vem precisamente daí e que, deste momento, passar da intelecção à visão, do relativo ao absoluto, não demanda sair do tempo (já saímos); é preciso, ao contrário, se recolocar na duração e retornar a realidade na mobilidade que é sua essência⁷

E mais:

Uma intuição que pretende se transportar de um pulo ao eterno se restringe ao intelectual. Aos conceitos que fornece a inteligência, ela substitui simplesmente um conceito único que os resume a todos e que é, por consequência, sempre o mesmo, não importa o nome pelo qual o chamamos: a Substância, o Eu, a Ideia, a Vontade. A filosofia assim compreendida, necessariamente panteísta, não terá dificuldades em explicar dedutivamente todas as coisas, pois ela se terá dado, de antemão, em um princípio que é o conceito dos conceitos, todo o real e todo o possível.”⁸

Bergson coloca que esta explicação será, necessariamente, vaga e hipotética, que esta unidade será artificial e que tal filosofia se aplicaria, muito bem, a um mundo totalmente diferente do nosso. Uma metafísica verdadeiramente intuitiva que seguisse as “ondulações do real” seria muito mais instrutiva e jamais começaria por definir ou descrever a unidade sistemática do mundo. Bergson se pergunta “se o mundo é efetivamente um”.

Somente a experiência poderá dizer-lo e a unidade, se ela existe, aparecerá ao termo da pesquisa como um resultado, sendo, portanto, impossível coloca-lo no começo como um princípio. Será, assim, uma unidade rica e plena, a unidade de uma continuidade, a unidade de nossa realidade, e não esta unidade abstrata e vazia, saída de uma generalização suprema, que seria, também, aquela de não importa qual mundo possível. A filosofia exigirá, segundo Bergson, um esforço novo para cada novo problema. Nenhuma solução se deduzirá geometricamente de uma a outra. Nenhuma verdade importante se obterá pelo prolongamento de uma verdade já adquirida. Será preciso, então, renunciar a manter virtualmente em um princípio, a ciência universal.

⁷ O autor confunde, acreditamos, as noções de tempo e duração nas obras examinadas. Na verdade, as noções de tempo real e duração interior se assemelham em Bergson.

⁸ Bergson, H. “La Pensée et le Mouvant”, Paris: Librairie Félix Alcan, 1934, p. 12.

Conclusão

A intuição em Bergson, refere-se, acima de tudo à duração interior. A intuição apreende uma sucessão que não é justaposição, um crescimento por dentro, o prolongamento ininterrupto do passado em um presente que invade o futuro. É a visão direta do espírito pelo espírito. No lugar de estados contíguos a estados, que se tornarão palavras justapostas a palavras, eis a continuidade indivisível e, portanto, substancial da vida interior. Intuição significa, primeiramente, consciência, mas consciência imediata, visão que mal se distingue do objeto visto, conhecimento que é contato e, mesmo, coincidência. Entre a nossa consciência e as outras consciências a separação é menos delimitada que entre nosso corpo e os outros corpos, pois é o espaço que torna as divisões claras. A simpatia e a antipatia irrefletidas, que são tão frequentemente penetrantes testemunham uma interpenetração possível das consciências humanas. Haveria, então, fenômenos de “endosse psicológica”. A intuição nos introduziria, então, na consciência em geral. Neste sentido, para Bergson, pensar intuitivamente é pensar em duração.

Referências

- BERGSON, H. **La Pensée et le Mouvant-Essais et Conférences**. Paris: Librairie Félix Alcan, 1934.
- BERGSON, H. **L'Évolution Créatrice**. Genève: éditions Albert Skira, 1907.
- HEIDSIECK, F. **Henri Bergson et la notion d"espace"**. Paris: Presses Universitaires de France, 1961.

Resumo: Este trabalho visa pensar os conceitos de “tempo” e “duração” no filósofo Henri Bergson com base em sua “metafísica intuitiva”, oposta, em seus princípios, à concepção positivista da ciência e à equação tempo/espaço. Estabelecendo a noção de “duração interior”, Bergson afirma a oposição entre inteligência e intuição.

Palavras-chave: Bergson; Tempo; Duração; Intuição.

Abstract: This article aims at thinking the concepts of “time” and “duration” in the work of the philosopher Henri Bergson on the basis of his “intuitive metaphysics”, opposed, in its principles, to the positivist conception of science and to the equation time/space. Establishing the notion of “inner duration”, Bergson states the opposition between intelligence and intuition.

Keywords: Bergson; Time; Duration; Intuition.

Recebido em: 30/03/2018.

Aceito em: 05/11/2018.